

# relinchos




Francielly Baliana

# relinchos



1ª Edição | São Paulo | 2023

 **Fábrica**  
de cânones

Copyright © Fábrica de cânones, 2023.  
Relinchos © Francielly Baliana, 2023

**Editor**

Eduardo Guimarães

**Capa, projeto gráfico e diagramação**

Luyse Costa

**Revisão**

Guilherme Sakai

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Ana Paula Cechinel CRB-8/9062)

---

B186

Baliana, Francielly

Relinchos/Francielly Baliana – São Paulo : Fábrica de cânones, 2023.

96 p.

ISBN 978-65-85148-03-0

1. Poesia brasileira I. Título.

CDD 869.91

---

Fábrica de cânones  
R. Professor Miguel Milano, 80, Vl. Mariana  
CEP: 04012-010, São Paulo - SP - Brasil  
Tel: (11) 98338-2314  
@fabricadecanones  
fabricadecanones.com.br





**cães cavalos o corpo vivo de vallejo era  
este o caminho jamais os monstros nunca**

## **todos os títulos são imagens uma proposta aos trinta anos um rancor**

escrever numa língua vulgar consultar o gosto dos  
arquivos menores do latim ao latido au ameaçar a  
concentração com uma língua de marinheiro diá-  
rios de viagem notas para o passado consultar o orá-  
culo de unhas negras nascer em abril morrer antes  
nascer de novo em abril colecionar pedras resgatar  
cartas rasgar exames de pulmão encontrar o melhor  
remédio esquecer uma palavra inventar um gesto  
caçar um jeito dançar de novo numa língua vulgar  
ajeitar o animal no ninho achar a cidade abreviar  
um livro ameaçar o futuro uma língua de plantação  
desviar o curso de um pensamento nascer de novo  
agora em novembro buscar a vulgaridade a primei-  
ra invenção encontrar a língua sem fala torcer por  
aquela que late e escuta viver a língua que vê



## **ser bicho sem temer**

todos os cavalos que sou  
acordam três ou quatro  
vezes por ciclo  
enquanto na cama  
suas crinas aquecem  
o voo secreto de madrugadas  
há outros cavalos em mim  
que dançam  
e cavam navios  
por entre os desertos  
atravessados num sono de mil e uma noites  
me lembro também de cavalos antigos  
que em mim  
moravam com medo  
das sombras dos selvagens  
cavalos de agora  
cujas curvas são fios  
grossos de rebeldia  
cujos sons acertam  
o sono daqueles que  
se sentem no direito  
de dormir em paz  
nenhum animal selvagem  
dorme sem temer  
um mundo em chamas

## **mais de um é um número selvagem**

nasceu hoje um cavalo sem asas  
e sem medo das patas traseiras  
há dias em que sim  
em que um corpo feroz encontra  
o cerne do riso  
no próprio espanto  
na curva entre o próximo som  
e o adeus há sempre metade  
de todo futuro  
ouvimos qual crianças o som  
o grito o jeito americano de ocupar  
um palco uma terra  
há mais de um  
sabemos  
sabemos todos que há mais de mil  
jeitos de ocupar o tempo  
há mil folhas que rasgam a carne  
há mil bocas antes do fim  
você não duvide também  
de que há mais de mil medos  
e ainda assim  
somente um  
aquele medo que é de tudo  
e de ninguém  
que é o medo  
que vem da língua  
e de um pedaço de gente  
em quem o som de cordel  
com a cara encantada de fogo  
venta sempre a dizer  
eu tenho um medo do diabo  
fazendo disso o começo

do que é feliz ou feroz  
o começo de tudo  
o que é antigo  
e que agora mesmo  
ganhou outros nomes

## **sonhar com um homem torto querer uma dor elegante**

ora ora  
se não há  
um monstro ali  
botando fogo  
no açude  
botando fogo  
no assunto  
gritei de suor e nada  
não se mexe nem  
vira a cara  
olho melhor e de lado até que  
não parece tão mau  
o monstro parece mais  
um jeito  
um vazio  
uma hora  
o monstro parece o infinito  
entre a meia-noite e a uma  
assisto à sua sina  
saravá  
pisando feiticeiro  
no chão fino  
do meu sono  
há um dito popular que  
diz que o monstro é tudo  
o que me sobra  
quando sozinha encaro o canto  
da parede  
e as sombras de alguma dor  
se confundem  
com as de um sonho

largo minha noite  
no arouche  
faço uma prece  
e se dormir for  
a minha última obra  
tento e não acordo  
porque não sou eu que  
estou a sonhar  
o monstro sonha comigo  
sou eu quem o  
assusta  
sou eu quem o  
assombra

## godog

me apresso demoradamente  
aguça o teu ouvido  
disse o mestre  
estamos ainda na trilha noturna  
arremessados pelo medo  
nosso corpo é um deserto  
você escuta os barulhos  
mais incertos da imensidão  
ter outros nomes outros chãos  
folia grite folia  
a sorte estava fora de ritmo  
e ainda assim um poema nasceu na virada  
entre o céu e a avidez  
chamei assim meu acerto  
jogo de dardos  
um ano que ano uma hora  
a casa caiu  
virei a chave que já estava  
perdida engolida esquecida  
lancei um olhar inflamado  
acertei no meio da dor antiga  
você se lembra do nascimento  
de nossa primeira percepção  
poema é alguma imagem  
de um cavalo sem rédeas  
de um cão em dia de deus  
o outro é sempre a marca mais  
astuta de nossa própria hora  
aguça o teu ouvido  
abre o teu pulmão  
toda vertigem é um gesto  
ainda que não pareça

aceite no máximo um imperativo  
se demore um pouco mais  
entre um bocejo e outro  
soluçar é também desespero  
mas no peito do outro  
pode ser som  
ou solução

## rotas

invento um novo ruído para cada  
novo corpo que me fala  
mil línguas caindo sobre  
as espadas  
a carne exposta é uma coragem  
um som que avança  
no vão entre as ondas  
o ar é agora um  
mar de oferendas  
caminho entre pétalas de fogo  
meu corpo tem  
de novo outros sons  
entre um verso e outro salta  
um cavalo-marinho  
sem patas ou margens  
de erro  
o cavalo desliza até que encontra  
o ritmo entre a flor e a chama  
acende de dentro do oceano  
o pacto que não dá a nós  
outra chance senão esta  
abrir o mar vermelho  
que faz do êxodo um poema  
que faz da raiz uma rota